

Organizadores

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Glauciana Alves Teles

A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE

Entrelaçando olhares, experiências e saberes



Editora
**SERTÃO
CULT**

Edições UVA

Attila Rodrigues
09/2015

O livro *A cidade média de Sobral-CE: entrelaçando olhares, experiências e saberes vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - PROPGEO/UVA*, está estruturado em 15 capítulos, os quais versam sobre pesquisas e produtos desenvolvidos por seu corpo docente e discente. Iniciativa importante que contribui para o fortalecimento e sustentabilidade da interiorização da pós-graduação no semiárido cearense.

Os textos, conforme anunciado nas notas introdutórias e confirmado na leitura dos capítulos, apresentam potencial contributivo para desvendar os meandros e tessituras políticas, econômicas, sociais e ambientais, expressas nas relações sociais que produziram e produzem o espaço urbano da cidade de Sobral. Ademais, é possível perceber a necessária indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas produções apresentadas. Outrossim, o rigor metodológico se faz presença no desenvolvimento do texto sem perda da fluidez da escrita.

Trata-se de um livro de leitura indicada para diferentes interessados, não se limitando a estudiosos do município de Sobral.

Parecer do Conselho Editorial - Edições UVA



A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE

Entrelaçando olhares, experiências e saberes

Organizadores

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Glauciana Alves Teles

A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE

Entrelaçando olhares, experiências e saberes

Sobral - CE
2025

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Edições UVA



A CIDADE MÉDIA DE SOBRAL/CE: Entrelaçando olhares, experiências e saberes

© 2025 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antonio Araújo Gonçalves, Glauciana Alves Teles (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
SERTÃO CULT

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoocult.com.br
sertaoocult@gmail.com
www.editorasertaoocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial
Antonio Adílio Costa da Silva
Carlos Alberto de Vasconcelos
José Luis Gonçalves Moreira da Zêzere
Luís Filipe Gonçalves Mendes
Marcelo de Oliveira Moura
Maria Rita Vidal
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Ricardo Alexandre Cipriano Coscurião
Sandra Liliana Mansilla

Revisão
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Este livro foi revisado e aprovado pelos autores de cada capítulo. As informações são de responsabilidade dos autores.

Diagramação
João Batista Rodrigues Neto

Arte da capa
Arthur Rodrigues Feijão

Catálogo
Leolph Lima da Silva - CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral-CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitora

Isabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Vice-Reitor

Francisco Carvalho de Arruda Coelho

Diretora das Edições UVA
Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial
Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Isabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Clarissa Sousa de Carvalho
Claudia Goulart de Abreu
Eliany Nazaré Oliveira
Elisa Lacerda-Vandenborn
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Miguel Basto Pereira
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Sara Sofia Fernandes de Lima
Simone Ferreira Diniz
Susana Pedras
Renata Albuquerque Lima
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcante de Holanda



Apoio



C487 A cidade média de Sobral/CE: entrelaçando olhares, experiências e saberes. /
Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antonio Araújo
Gonçalves, Glauciana Alves Teles. - Sobral CE: Sertão Cult; Edições UVA, 2025.

372p.

ISBN: 978-65-5421-217-5 - E-book em pdf (Sertão Cult)
ISBN: 978-65-5421-216-8 - papel (Sertão Cult)
ISBN: 978-65-87115-77-1 - papel (UVA)
ISBN: 978-65-87115-76-4 - E-book em pdf (UVA)
Doi: 10.35260/54212175-2025

1. Geografia urbana – Sobral (CE). 2. Cidades médias – Aspectos sociais.
3. Planejamento urbano. 4. Estudos regionais – Sobral (CE). I. Holanda,
Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antonio Araújo. III. Teles,
Glauciana Alves. IV. Título.I.Título

CDD 307.76 -Comunidades urbanas
CDD 911.8116 – Geografia do Ceará

SUMÁRIO

Prefácio 9

Sobral - olhares, experiências e saberes 19

Capítulo 1 Doi: 10.35260/54212175p.21-48.2025

Hierarquia urbana e regiões de influência das cidades: uma análise dos marcos teóricos e metodológicos com enfoque em Sobral-CE21

Samuel Antônio Miranda de Sousa

Capítulo 2 Doi: 10.35260/54212175p.49-72.2025

Ações institucionais e reestruturação da cidade média de Sobral-CE ... 49

Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Capítulo 3 Doi: 10.35260/54212175p.73-88.2025

O papel das transformações urbanas na prevenção à violência em territórios vulneráveis: a experiência de Sobral-CE 73

Marília Gouveia Ferreira Lima

Andréia Coelho Cela

Yvo Gabriel Sousa Galvão

Capítulo 4 Doi: 10.35260/54212175p.89-112.2025

A contribuição acadêmica para a construção coletiva da cidade – uma experiência no interior do Ceará - Brasil 89

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Adilson João Tomé Manuel

Eloise de Brito Mudo

Capítulo 5 Doi: 10.35260/54212175p.113-128.2025

Mobilidade no espaço intraurbano: a perspectiva do ciclista na cidade de Sobral-CE 113

Luciana de Andrade Catunda

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Capítulo 6 Doi: 10.35260/54212175p.129-156.2025

O microcrédito institucional em Sobral-CE e a captura dos trabalhadores autônomos pelas finanças..... 129

Sara Heline Rodrigues de Brito Silva

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Nilson Almino de Freitas

Capítulo 7 Doi: 10.35260/54212175p.157-178.2025

Um olhar geográfico dos processos do planejamento urbano de Sobral-CE..... 157

Wellington Galvão Alves

Maria do Carmo Alves

Capítulo 8 Doi: 10.35260/54212175p.179-202.2025

Erguem-se os muros, abrem-se os negócios: loteamentos fechados na produção do espaço urbano em Sobral-CE 179

Jailson Lopes Albuquerque

Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Capítulo 9 Doi: 10.35260/54212175p.203-224.2025

Jardins biofiltrantes do riacho pajeú, Sobral-CE: análise da eficiência operacional e a manutenção sustentável..... 203

Úrsula Priscyla Santana Nóbrega

Kemmison Luiz Paula de Sousa

Fernanda Elias Fernandes

Cícera Sarah Moura Farias

Capítulo 10 Doi: 10.35260/54212175p.225-246.2025

Conforto térmico e corredores verdes na cidade de Sobral-CE: uma análise termohigrométrica do período seco a partir do uso de transectos móveis 225

Jander Barbosa Monteiro

Isabela Gomes Parente

Maria Antônia Xavier Soares

Capítulo 11 Doi: 10.35260/54212175p.247-264.2025

Imigrantes venezuelanos em Sobral-CE 247

Luz Maritza Mantilla Chanagá

Aldiva Sales Diniz

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Capítulo 12 Doi: 10.35260/54212175p.265-288.2025

Manifestação do campo na cidade: um olhar a partir da feira livre nos arredores do mercado público de Sobral-CE 265

Thaysslorranny Batista Reinaldo

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Capítulo 13 Doi: 10.35260/54212175p.289-314.2025

Implicações da mobilidade geográfica da força de trabalho a partir da empresa calçadista grendene na cidade média de Sobral-CE .. 289

Maria da Penha dos Santos Costa

Glauciana Alves Teles

Capítulo 14 Doi: 10.35260/54212175p.315-336.2025

O acesso e o consumo cultural discente na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, Brasil 315

Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Capítulo 15 Doi: 10.35260/54212175p.337-362.2025

Os circuitos da economia urbana: algumas mudanças no pequeno comércio de produtos alimentícios em Sobral-CE 337

Joffre Fontenelle Filho

Sobre os organizadores 363

Sobre os autores 365

PREFÁCIO

No contexto do desenvolvimento capitalista, a expansão da racionalidade e a lógica da reprodução do capital estão em movimento constante, do qual as cidades, enquanto espaços importantes para esse movimento, participam paulatinamente, merecendo destaque as metrópoles, grandes cidades e as cidades médias. Essa participação promove mudanças socio-territoriais de grande expressividade, motivo pelo qual se faz necessário, que novas interpretações sejam efetuadas, objetivando o discernimento dos processos desencadeados, os quais conduzem não somente a novas formas urbanas, mas, principalmente, a novos conteúdos.

Aguçados por essa realidade, docentes e egressos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - PROP GEO/UVA e os demais docentes, pesquisadores no urbano na leitura da Cidade de Sobral-CE, orientada pelo entrelaçamento de olhares, experiências e saberes, cujos resultados estão delineados nos textos constituintes da coletânea que ora é disponibilizada a todos os interessados em desvendar os meandros e tessituras políticas, econômicas, sociais e ambientais, expressas nas relações sociais, que produziram e produzem o espaço urbano da cidade de Sobral.

Justifica-se, portanto, o convite que fazemos ao leitor, de mergulhar no conteúdo dos textos apresentados ao longo da coletânea. Isso porque o leitor terá a oportunidade de ampliar os seus conhecimentos acerca da cidade média e particularmente da cidade de Sobral-CE.

Entretanto, a ênfase dada à cidade de Sobral não imprime na coletânea a marca do conhecimento exclusivo como uma obra específica para os estudiosos da cidade de Sobral. Muito pelo contrário, os textos recorrem, sistematicamente, a teorias importantes, indispensáveis à

compreensão da cidade, do urbano, da sustentabilidade ambiental, não se limitando, portanto, ao estudo do empírico. Sendo assim, convido a todos a fazerem uma imersão nos diversos assuntos tratados, resumidamente apresentados na sequência, e assim melhor compreender as dinâmicas socioespaciais que se traduzem no entrelaçamento dos olhares, das experiências e dos saberes, a partir de Sobral.

Iniciamos o percurso apresentando o texto produzido por Samuel de Sousa, que se dedicou à discussão sobre a **“Hierarquia urbana e Regiões de influência das cidades: uma análise dos marcos teóricos e metodológicos com enfoque em Sobral-CE”**. Para tal, a proposta do autor é analisar os estudos de hierarquia urbana realizados no âmbito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, e as bases teóricas que respaldam os referidos estudos, com vistas ao entendimento da intervenção do Estado, por meio das políticas públicas, colocando em evidência a centralidade urbana da cidade de Sobral. A análise processual foi o caminho percorrido, por meio do qual o autor busca compreender as transformações urbanas que ratificaram a centralidade urbanorregional de Sobral no decorrer de sua história.

Corroborando o propósito de Samuel, a professora Virgínia Holanda e o professor Luiz Antonio Gonçalves, no artigo **“As ações institucionais e reestruturação da cidade média de Sobral-CE”**, oferecem ao leitor uma proposta de reflexão do processo de reestruturação da cidade média de Sobral, embasado por ações provedoras de infraestrutura urbana de circulação, de moradia e de novos equipamentos sociais na área de educação e saúde, as quais nortearam o período de gestão municipal capitaneado pelo grupo político liderado por Cid Ferreira Gomes, que assumiu a gestão municipal em 1997. Enaltecendo o discurso da boa governança, as políticas públicas implementadas pelas gestões desse grupo político que se sucederam até 2024, obtiveram segundo os autores, êxitos consideráveis dentre os quais se destacam os bons resultados alcançados na educação, segundo avaliações realizadas pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB.

Para além das políticas públicas, os autores também fazem referência aos investimentos atraídos para a cidade, os quais, adicionados às políti-

cas públicas, colocam Sobral entre as principais cidades médias do sertão Nordeste. A síntese desse somatório de ações públicas e privadas é uma dinâmica socioespacial expressa por um crescimento econômico e um desenvolvimento urbano, que se renova constantemente, orientados para a melhoria da qualidade de vida e promoção da cidadania.

Sequenciando os estudos sobre a dinâmica de Sobral-CE, o texto assinado por Marília Lima, Andréa Cela e Yvo Galvão traz para a discussão **“O papel das transformações urbanas na prevenção á violência em territórios vulneráveis: a experiência de Sobral-CE”**. Os autores consideram a escassez de políticas públicas como um vetor que contribui para o aumento das desigualdades socioespaciais, sendo estas entendidas como resultado do processo de globalização inerente ao avanço do capitalismo que se apropria do território, enquanto recurso, com possibilidades de ampliar a sua reprodução. Essa realidade favorece a fragmentação socioterritorial e, por conseguinte, a violência. A partir de dados específicos, os autores delimitam áreas municipais, contempladas com intervenções com vistas à prevenção da violência.

Gabrielle Okretic, Adilson Manuel e Eloise Mudo trazem para a discussão o texto **“A contribuição acadêmica para a construção coletiva da cidade – uma experiência no interior do Ceará - Brasil”**. Essa contribuição, segundo os autores, reflete o engajamento da academia, na perspectiva da produção do saber, de sua circulação e de sua disseminação. Consideram a cidade como palco de disputa pelo espaço urbano. Sendo assim, a participação do saber acadêmico, em conjunto com a participação da sociedade, coloca-se como uma estratégia importante na construção de uma cidade democrática e cidadã.

Outro destaque do texto é a contribuição específica do grupo de Estudo UrbColab, que nos mais diferentes espaços de discussão sobre a cidade procura contribuir, a partir de uma visão crítica, com os estudos sobre as formas de apropriação do território, por meio de ideias e ações que transmitam aos habitantes da cidade melhorias no ambiente urbano. O sentido de pertencimento e da identidade com o lugar, por meio da apropriação do espaço, é analisada no contexto das disputas de terras

inerentes à lógica da disputa de poder. A discussão proposta se apoia no urbanismo colaborativo, enaltecido com a participação do grupo nas discussões da revisão do Plano Diretor da Cidade.

O debate e reflexões sobre a cidade de Sobral, contemplando a mobilidade urbana, é tratado no artigo **A mobilidade no espaço intraurbano: a perspectiva do ciclista na cidade de Sobral-CE**, de autoria de Luciana Catunda e Gabrielle Okretic, que anunciam de forma explícita os avanços ocorridos na cidade de Sobral em prol de melhores condições de mobilidade. No caso específico do uso da bicicleta, não apenas a mobilidade está em destaque, mas também as condições de reprodução social, em bases sustentáveis, bem como para a produção de situações de sociabilidade.

Todavia, na contemporaneidade marcada pela presença do capital nas mais diversas dimensões da vida, a financeirização se coloca como imperativo à reprodução da sociedade em sua totalidade. É sob essa lógica dominadora que o artigo **“O microcrédito institucional em Sobral-CE e a captura dos trabalhadores autônomos pelas finanças”**, de Sara Silva, em coautoria com Luiz Antonio Gonçalves e Nilson de Freitas, coloca em discussão o processo de financeirização no contexto de Sobral, enquanto uma expressão da mundialização do capital. Assim, o texto traz esclarecimento sobre a importante condição da cidade de Sobral-CE, seja de centralidade no contexto urbanorregional, seja como espaço de reprodução do capital financeiro. Para tal, a discussão sobre o microcrédito estabelece uma relação com os espaços periféricos, nos quais se realiza a captura dos territórios ocupados por populações de baixa renda. Para a materialização do crediamigo, diversos condicionantes são instituídos, os quais muito bem analisados no texto. Entretanto, tais condicionantes em nenhum momento se colocam como entraves à participação da população pobre do sistema financeiro. Contrariamente, as estratégias utilizadas reafirmam as condições de subordinação das populações pobres ao capital financeiro. Em síntese, trata-se de um texto antenado com a realidade vivenciada nas economias capitalistas emergentes, o que denota a sua importância para

a compreensão das cidades em suas dinâmicas espaciais, especificamente as cidades médias dos espaços periféricos.

Considerando os problemas socioespaciais evidenciados nas cidades, em decorrência de diversos fatores, dentre os quais as formas indevidas do uso do território, Wellington Galvão e Maria do Carmo Alves chamam a atenção para a importância do planejamento urbano e dos planos urbanos, enquanto instrumento da política urbana. Na discussão proposta no artigo “**Um olhar geográfico dos processos do planejamento Urbano de Sobral-CE**, os autores também procuram enaltecer o papel da ciência geográfica para as discussões e ações que envolvem o planejamento e a política urbana, ressaltando as demandas que as cidades apresentam face ao processo de urbanização que, ao assumir graus de complexidade cada vez mais elevados, passam a exigir dos gestores e da sociedade reflexões mais aprofundadas e especializadas, reflexões dos aspectos estruturais que envolvem a cidade – político, social, cultural e econômico. Para atingir o objetivo proposto, os autores, sem desconsiderar a diferença de escalas, traçam um paralelo entre o planejamento municipal e as tendências do planejamento nacional, a partir do qual os autores dão relevo à importância da Geografia no processo de planejamento urbano, uma vez que propicia a apreensão do território, indispensável à implementação do planejamento que tenha em sua essência o direito à cidade.

Assim como nas grandes cidades, a produção da moradia ganha novos conteúdos nas cidades médias, visto ser por meio da produção imobiliária que a cidade se reproduz e, por conseguinte, reproduz o capital. Os condomínios fechados se colocam como uma morfologia urbana que se faz presente nas grandes, médias e até em algumas pequenas cidades. Em Sobral, essa tipologia residencial se faz presente, sendo então analisada no texto **Erguem-se os muros, abrem-se os negócios: loteamentos fechados na produção do espaço urbano em Sobral-CE**, de autoria de Jailson Albuquerque e Francisco Clébio Lopes. A análise feita pelos autores considera a produção da moradia sob a ótica do condomínio fechado, como uma nova forma assumida pelo capital no

exercício de sua reprodução, que, ao se reproduzir, promove também a produção/reprodução das desigualdades socioespaciais, visivelmente constatada nas paisagens, que dialeticamente se apresentam como espaços de moradia de populações com maior poder aquisitivo no meio do visível, isto é, da paisagem, através da qual as contradições da sociedade capitalista são expostas. Nessa exposição, pode ser constatada a dialética da produção do espaço, moradias pobres e precárias que se contrapõem às moradias de alto padrão de construção. Com intuito de desvelar os meandros de construção dessa realidade, os autores apresentam uma periodização do processo, no qual destacam o período, quando foi criado o Estatuto da Cidade, que, dentre as principais orientações, está o cumprimento da função social da terra, sendo este o foco principal a ser seguido pela política urbana, por meio do seu instrumento central que é o plano diretor participativo.

A dimensão ambiental também está contemplada nesta coletânea. É relevante a contribuição dada por Úrsula Nóbrega, Kemmison Sousa, Fernanda Fernandes e Cícera Farias, com o texto **“Jardins biofiltrantes do riacho Pajeú, Sobral-CE: análise da eficiência operacional e a manutenção sustentável”**, no qual é analisada a eficiência das das Soluções Baseadas na Natureza (SBNs), que buscam nos próprios ecossistemas soluções para os problemas socioespaciais que emergem em decorrência do processo de reprodução da sociedade. É nesse sentido que está no escopo da análise do projeto Jardins Biofiltrantes do Riacho do Pajeú, efetuado pela Prefeitura Municipal de Sobral-CE. Os autores apresentam o funcionamento do projeto, fazendo uso de ilustrações esclarecedoras sobre o funcionamento do sistema em sua totalidade. Ainda que o projeto seja apontado como uma tecnologia importante para o enfrentamento de problemas ambientais no âmbito da cidade de Sobral-CE, nas considerações finais os autores chamam a atenção para a necessidade de requalificação dos sistemas convencionais para que as SBNs possam apresentar os resultados esperados.

Dando seqüência às discussões de caráter ambiental, o texto intitulado **“Conforto térmico e corredores verdes na cidade de Sobral-CE:**

uma análise termohigrométrica do período seco a partir do uso de transectos móveis”, assinado pelos autores Jander Monteiro, Isabela Parente e Maria Antônia Soares, contempla a discussão da sustentabilidade no contexto urbano, ressaltando estratégias importantes a serem efetuadas. Nesse sentido, os autores discutem a relação entre conforto térmico e corredores verdes, tomando Sobral como referência, a partir da caracterização termohigrométrica. Diante dos resultados obtidos, os autores fazem inferências importantes, as quais apontam não apenas à importância dos corredores para o conforto ambiental urbano, mas também para a criação de espaços de práticas sociais importantes na produção de uma cidade saudável.

O texto **“Imigrantes venezuelanos em Sobral-CE”**, além de atual, responde à demanda clássica dos estudos de migração, que sempre se fizeram presente na produção da Geografia. O fenômeno da migração não apenas nos permite analisar o ir e vir das pessoas, mas também nos ajuda a compreender as dinâmicas espaciais que se colocam como necessária à análise desses movimentos que impactam os espaços que acolhem da mesma forma que impactam a vida daqueles que são acolhidos. É essa a perspectiva analítica apresentada pelas autoras Luz Chanagá, Aldiva Diniz e Virgínia Holanda no texto em apreço, uma vez que contempla não apenas os deslocamentos, mas principalmente as transformações espaciais decorrentes desse processo. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, associada a questões teóricas e conceituais trabalhadas, destacou os conceitos de território em rede e de territorialidade que iluminaram a compreensão e a análise da realidade dos imigrantes em Sobral graças à pesquisa qualitativa efetuada junto aos migrantes, bem como propiciaram uma análise centrada na dinâmica do espaço acolhedor dos migrantes.

No artigo **Manifestação do campo na cidade: um olhar a partir da feira livre nos arredores do mercado público de Sobral-CE**, as autoras Thaysslorranny Reinaldo e Virgínia Holanda tomam como referência a feira livre que ocorre nos arredores do mercado público de Sobral-CE. Embora vista como um espaço comercial tradicional, a feira estabelece

um diálogo com as práticas comerciais que se modernizam ao mesmo tempo em que potencializa a relação cidade-campo, que acontece no contexto atual da reprodução do capital. A análise feita envolvendo a relação cidade-campo explicita as várias dimensões dessa relação, que embora aparentemente contraditórias, se complementam.

Implicações da mobilidade geográfica da força de trabalho a partir da empresa calçadista Grendene na cidade média de Sobral-CE trata-se de um artigo no qual as autoras, Maria Penha Costa e Glauciana Teles, discutem a indústria calçadista como um fator importante para as transformações territoriais que ocorreram no Brasil a partir de 1990, quando essa indústria passou a atuar no Nordeste brasileiro, e de modo especial no estado do Ceará. Analisam a indústria calçadista no Brasil, colocando em destaque as diferenças do processo no que diz respeito às formas de produção que ocorrem nas áreas tradicionais de produção de calçado – São Paulo e Rio Grande do Sul – e as áreas de produção moderna, no caso o Nordeste brasileiro, configurando dois padrões de organização da produção de calçados no Brasil.

Com relação ao estado do Ceará, as autoras destacam o papel dessa indústria nas transformações que se desencadearam no território cearense e sua importância para a economia, não apenas dos municípios em que se encontra instalada, mas para o contexto regional, como acontece com o município de Sobral, bem como na produção dos espaços urbanos e na geração do emprego formal, tornando-se assim importante vetor de crescimento urbano.

O artigo assinado pelo professor Luiz Antonio Gonçalves, intitulado **“O acesso e consumo cultural discente na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, Brasil”**, traz uma leitura sobre a dimensão da cultura, apoiada em dados empíricos, analisados segundo a perspectiva do seu papel na democratização e promoção da cidadania. Nesse sentido, articulando dados empíricos e leituras teóricas, ao final do texto o autor encaminha críticas às ações culturais desenvolvida pela UVA e aponta caminhos com vistas à promoção de uma política de cultura que promova

a participação universal de seus discentes, independentes das condições sociais e econômicas de cada um e, portanto, democrática e cidadã.

Joffre Fontenelle Filho presta a sua contribuição com a análise da organização do espaço urbano na perspectiva de compreender a sociedade que produz esse espaço, a partir das relações entre os agentes econômicos de diferentes graus de organização, capital e tecnologia. Para tanto, após recuperar dados importantes da história de Sobral, o autor, ao discutir **“Os circuitos da economia urbana: algumas mudanças no pequeno comércio de produtos alimentícios em Sobral-CE”**, coloca em destaque as mudanças ocorridas no comércio de alimentos em pequenos estabelecimentos comerciais, destacando as interações entre os pequenos comerciantes e as grandes redes de supermercados, expressas pela complementaridade de um lado e, do outro, pela subordinação do circuito inferior ao circuito superior, essenciais ao processo de mudanças do segmento varejista de alimentos em ampla expansão no território sobralense.

Embora seja uma cidade sertaneja, que se desenvolveu sob os ditames de economias tradicionais, como a pecuária extensiva e o algodão, Sobral-CE sempre se apresentou como uma cidade do futuro. E esse futuro, que hoje se faz presente, nos mostra uma Sobral e seus avanços, expressos por movimentos importantes que se colocam no cotidiano, orientados pela busca de melhor qualidade de vida, para a sua população.

Este foi o entendimento construído a partir dos diversos temas tratados nos textos constituintes desta coletânea, que, apesar do contexto espacial de referência ser a cidade de Sobral-CE, sua leitura vai conduzir o leitor, sem sombra de dúvidas, para outras paragens, onde a condição de cidade média se faça presente.

Em cada texto, a análise efetuada nos aponta caminhos teóricos e metodológicos, que os estudos da cidade média requisitam e que são indispensáveis à compreensão dos papéis por elas desempenhados na intermediação entre as grandes cidades e as pequenas.

Portanto, convido a todos a fazer uma imersão nos diversos assuntos tratados e assim melhor compreender o entrelaçamento dos olhares, saberes e experiências, que tem como ponto de partida, e não de chegada, a cidade de Sobral no estado do Ceará. A caminhada em busca do conhecimento é longa e diversa. Então, caminhemos...

Agradeço aos organizadores pela oportunidade que me foi dada de iniciar esse caminhar. Meu muito obrigada, com carinho e com afeto.

Sobral-Ceará, quadra invernososa de 2024

Rita de Cássia da Conceição Gomes

SOBRAL - OLHARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES

A coletânea intitulada *Sobral-CE: entrelaçando olhares, experiências e saberes* surgiu da elaboração do Seminário Internacional Cidades Médias e Planejamento Urbano, realizado em Sobral-CE-Brasil, no período de 27 a 30 de maio de 2024. Nos momentos de reunião, ao pensar os nomes dos conferencistas e palestrantes, o formato do evento, os percursos e os lugares para que os convidados tivessem a experiência de viver a cidade, fomos percebendo o quanto Sobral se tornava esse elo que reunia as distintas visões, saberes e experiências de pesquisadores e residentes dessa urbe cearense.

Alegra-nos, sobretudo, ter a certeza de que essa mobilização também nos conduziu a conhecer e a ouvir mais uns aos outros, a percorrer a cidade, os espaços institucionais da Prefeitura local, adentrar ali as Instituições de Ensino Superior, com destaque para a Universidade Estadual Vale do Acaraú, Centro Universitário Inta e Faculdade Luciano Feijão. A realização de reuniões descentralizadas agregou, paulatinamente, outros colaboradores e incentivou nossos estudantes que sássem de suas instituições e se entranhassem na riqueza do diálogo interdisciplinar com outros cursos e unidades de demanda acadêmica.

Desse modo, como resultado do que foi debatido e deliberado, guardar como ideias para servir de subsídios a mais textos universitários, no âmbito local, nacional e até do Exterior, juntaram-se nesta coletânea produções escritas de geógrafas, geógrafos, arquitetas e arquitetos urbanistas, em colaboração com orientandos e, muitas vezes, em parceria com colegas esquadrihadores de feitos da Ciência. Estes escritos procedem de demandas científicas, reflexões e relatos acurados de pro-

fissionais participantes da Gestão Pública Municipal e elaboradores de políticas públicas, implementadas em Sobral nas duas últimas décadas.

Reconhecemos o comprometimento dos investigadores que, lançando mão de variadas metodologias, revelaram a Cidade sob exame em distintas perspectivas. Manifestamos gratidão, pela desdobrada atenção, aos convidados que estiveram conosco durante todo esse evento, particularizando os parceiros da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe).

Nossa expectativa, pois, é de que leiam esta obra, debatam e contribuam ao enriquecimento da matéria que conduz Sobral, crescentemente, como cidade média de expressão regional e nacional.

Boa leitura!

Os organizadores

CAPÍTULO I

HIERARQUIA URBANA E REGIÕES DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES: UMA ANÁLISE DOS MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS COM ENFOQUE EM SOBRAL-CE

Doi: 10.35260/54212175p.21-48.2025

Samuel Antônio Miranda de Sousa

Introdução

A compreensão da hierarquia das cidades é um desafio constante para os pesquisadores que se dedicam ao estudo das redes urbanas no Brasil, face a sua grande heterogeneidade de formações socioespaciais regionais, engendrando os mais diversos padrões e topologias.

No que tange a essa realidade, os estudos da rede urbana brasileira tiveram por base ênfases teóricas distintas ao longo do tempo, entretanto tendo como tônica principal a influência da Teoria das Localidades Centrais, de Walter Christaller. Tais estudos começaram a ser desenvolvidos por agências e organismos estatais, sendo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE o seu maior expoente, precisamente a partir da segunda metade do século XX. Esse período ficou marcado por uma maior preocupação dos governos com o entendimento do território nacional, visando, entre outros objetivos, subsidiar políticas de desenvolvimento econômico e social. Esses estudos que visavam o conhecimento do território nacional subsidiaram as conhecidas ações de controle dos espaços de maior concentração populacional, sobre-

tudo durante o período dos governos autoritários (1964-1985). Para a execução dessas políticas, foi necessária a adoção de ações voltadas ao planejamento, seja ao planejamento estratégico, seja para a adoção de políticas setoriais e regionais, quase sempre objetivando inserir o território nos circuitos modernos demandados pela economia de então.

As várias propostas elaboradas pelo IBGE, ao longo de mais de cinquenta anos, visavam à regionalização do espaço brasileiro e obedeciam, para efeito estatístico, as fronteiras político-administrativas, ou seja, a divisão federativa em estados e a base de recorte municipal (Pereira, 2012), de modo que tal recorte não dava conta de forma mais detalhada das interações espaciais entre cidades e entre estas e as regiões, que nem sempre são apresentadas de formas contínuas espacialmente. Vale reforçar que esses estudos se inscrevem em uma lógica de planejamento que subsidiava políticas de desenvolvimento nacional, políticas essas inseridas em uma ótica capitalista.

Nesse contexto, este artigo propõe analisar, do ponto de vista das bases teóricas e operacionais, como foram elaborados os estudos de hierarquia urbana conduzidos no Brasil pelo IBGE desde a década de 1970. De forma conjunta, propõe-se ainda a verificar o papel da centralidade exercida por Sobral, cidade localizada na região noroeste do Ceará. Buscou-se destacar sua evolução e inserção nas redes urbanas ao longo do tempo, a partir dos estudos de hierarquia urbana analisados.

Tal recorte se justifica, pois se deve levar em conta que a urbanização do Ceará é fortemente concentrada em Fortaleza, fazendo com que as pequenas cidades sejam extremamente dependentes dos centros locais e regionais, promovendo um desequilíbrio na rede urbana do Ceará. Estudos como o aqui proposto podem fornecer subsídios para o reconhecimento dessas centralidades locais e regionais e dos impactos na rede urbana em que estão inseridas. Assim, buscou-se proporcionar um olhar mais específico sobre a região e identificar as particularidades que contribuíram para a consolidação de Sobral como uma centralidade no noroeste do Ceará. Ao abordar a trajetória da cidade, desde os primeiros estudos que tratam da rede urbana no Brasil e no Ceará até os dias

atuais, pretendeu-se não apenas traçar um panorama histórico, mas também compreender as transformações que moldaram sua posição na rede urbana cearense.

A metodologia adotada para este estudo abrangeu pesquisas bibliográficas, documentais e de campo realizadas no município de Sobral. A combinação dessas abordagens permitiu uma análise abrangente, enriquecida pela interação direta com a realidade local. Na parte principal do artigo, serão apresentados os estudos de rede urbana em âmbito nacional, contextualizando a importância dessas análises para a compreensão das dinâmicas urbanas no país.

Assim, este trabalho não apenas contribuirá para o avanço dos estudos de rede urbana no Brasil, mas também proporcionará uma análise aprofundada do caso de Sobral, evidenciando sua crescente centralidade no contexto da região em que está inserida.

Referencial teórico: Rede Urbana, Hierarquia, Centralidade

A efetivação de um estudo geográfico acerca da centralidade exercida por uma cidade, a exemplo de Sobral, bem como de suas interações espaciais, demanda uma fundamentação teórica e explicitação metodológica que o fundamente e possibilite a sua realização. Os estudos clássicos de rede urbana passam a figurar na literatura acadêmica, sobretudo europeia, nas primeiras décadas do século XX, logo após o período Pós-Primeira Guerra Mundial, “[...] tal como se fora uma “conscientização” do capitalismo quanto à cristalização de uma economia mundial, através da produção, circulação e consumo, que ocorre via redes urbanas” (Ipea, 2002, p. 35). No Brasil, não foi diferente, pois o IBGE, que já existia desde a década de 1930, a partir da década de 1960 começa a empreender esforços para a compreensão da hierarquia urbana brasileira,

culminando com a publicação do estudo “Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas”, de 1972¹.

Observa-se já, desde esse primeiro levantamento, que o “marco de referência” para os estudos de rede urbana no Brasil foi, sem dúvida, a Teoria dos Lugares Centrais – TLC, proposta por Walter Christaller em 1933. Isto porque, como assinala Corrêa, é com esse trabalho “[...] que emerge uma explícita e bem consolidada teoria sobre a rede urbana” (2018, p. 58), pois ao procurar propor a ordem de tamanho e distribuição dos povoamentos, acaba por criar uma ordem hierárquica dos lugares centrais, da qual se pode derivar a hierarquia e conseqüentemente uma rede urbana hierarquizada. O que se observa é que essa teoria exerceu, e exerce ainda, como será tratada ao longo da discussão, uma influência teórica que, embora receba muitas ponderações e tentativas de atualização, não foi ainda completamente abandonada nos estudos de rede e hierarquia urbana no Brasil.

Segundo a periodização proposta por Corrêa (1989), é a partir de 1956, com o Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional – UGI, realizado no Rio de Janeiro, que a TLC chega ao Brasil, e é quando começam a ser desenvolvidas pesquisas relacionadas à rede urbana, a hierarquia de cidades e suas hinterlândias. O contato com nomes como Pierre George, Jean Tricart e Michel Rochefort promovem toda uma renovação da geografia urbana brasileira, antes focada apenas nos estudos intraurbanos e que pensavam a cidade de forma isolada, conforme relata Corrêa (1989):

Os estudos sobre hierarquia e área de influência das cidades foram, em primeiro lugar, influenciados pelos geógrafos franceses. De 1956 a 1968 a influência deles foi marcante, ainda que não exclusiva. É através deles que a teoria das localidades centrais de Christaller é, em seus traços mais significativos, introduzida no país. Em se-

1 O geógrafo Pedro Geiger publicou em 1963 o livro *Evolução da Rede Urbana Brasileira*. Apesar da forte influência de Geiger no IBGE e da contribuição de seu livro nos estudos de rede urbana no Brasil, consideraremos neste artigo apenas os estudos produzidos pela agência oficial, ou seja, o IBGE.

gundo lugar foram, e mais intensamente, influenciados pelos geógrafos anglo-saxões, fazendo-se sentir a influência deles ainda ao final da década de [19]80. Entretanto, desde o Congresso de Fortaleza, realizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB em 1978, novos vetores de interpretação foram introduzidos, influenciados inclusive por geógrafos brasileiros (Corrêa, 1989, p. 116, grifos nossos).

Nesse período, difunde-se no Brasil as proposições de Christaller, haja vista que sua difusão já ocorria nos países da Europa. Rochefort, como já salientamos, passa a trabalhar com Corrêa, que mais tarde se tornou o principal expoente da TLC entre os geógrafos brasileiros. De modo que começam a ter destaque os estudos sobre centralidade urbana, fluxos e área de influência das cidades, como bem salientou Abreu:

[...] na década de [19]70 predominam os estudos sobre hinterlândias e redes urbanas, polos de crescimento, centralidade urbana, fluxos interurbanos e inter-regionais, regionalização, etc., em sua maioria apoiados na fenomenal base de dados que foi o Recenseamento Geral do Brasil de 1970, a mais completa ‘radiografia’ até então realizada do país (1994, p. 237, grifos nossos).

Esses estudos se apropriam, sobretudo, da parte conceitual da publicação de Christaller, que se apresenta de uma forma muito simples. Para o autor, as cidades trazem, em sua gênese e essência, a característica centralista, sendo que algumas com maior e outras com menor poder gravitacional sobre as demais, pois considera que “[...] para a criação, desenvolvimento e declínio das cidades, é necessário que exista uma demanda pelas coisas que a cidade pode oferecer” (Christaller, 1966). Em sua teoria, o autor defende os lugares centrais como sendo as grandes, médias e pequenas cidades, e até mesmo núcleos semirrurais, destacando que a vocação de uma cidade é ser o centro de uma região. Sendo as-

sim, para ele, a ordem centralista está presente em uma série de aspectos que ordenam todas as coisas, inclusive as cidades.

Christaller entende então a centralidade como significando “[...] a importância de um lugar com relação à região circundante, ou o grau em que a cidade exerce funções centrais” (1966, p. 29). O conceito se funda na premissa de que as cidades exercem maior ou menor grau de influência a partir da força da sua centralidade. O conceito de centralidade tem uma destacada importância na Teoria das Localidades Centrais, pois ela aporta às cidades características que as diferenciam uma das outras e, em consequência, estabelece-se uma hierarquia entre elas.

Christaller aponta ainda que a centralidade não é meramente a soma dos aspectos econômicos de uma cidade, mas a complexa combinação entre eles. Essa centralidade é medida pelo volume de funções centrais, ou seja, atividades de distribuição de bens e serviços para uma população externa residente na região complementar desses centros. De uma forma bem simples, a centralidade nada mais é do que o excedente de importância que um determinado lugar central concentra. Esse excedente só pode existir face ao déficit de importância dos lugares dispersos em sua área de influência. Sendo assim, Christaller arremata a explicação da centralidade da seguinte forma: “[...] quanto maior a importância do excedente do lugar central, tanto maior será o tamanho de sua região complementar” (p. 29). Por dedução, a diferenciação entre os núcleos urbanos, e por consequência a hierarquia, vai se dar a partir da articulação entre circulação e consumo nestes núcleos urbanos. Para Corrêa (1989), quando se trata da hierarquia urbana, está se tratando na verdade de diferenciar a natureza da rede urbana segundo um ângulo específico, ou seja, o papel que uma determinada cidade desempenha numa rede urbana. O conceito em si de rede urbana só é possível a partir dos conceitos mais caros à TLC: centralidade e hierarquia.

Entretanto, há que se considerar o lapso temporal entre a concepção da TLC (em 1933) e período nos anos pós-Segunda Guerra. Desta forma, os avanços do meio técnico-científico-informacional alteraram a forma como se dão as interações espaciais nas mais diversas escalas,

assim, avançou-se sobre o conceito de centralidade, ultrapassando-se as abordagens calcadas estritamente na funcionalidade urbana, indo-se além ao se levar em conta que a cidade não está isolada em si ou em sua hinterlândia, devendo ser pensada considerando-se sua articulação com a sociedade global e, ainda, considerando-se a organização política, as estruturas de poder da sociedade, a natureza e a repartição das atividades econômicas e das classes sociais (Carlos, 2005).

Corrêa (1989), já plenamente imbuído pela TLC, mas já ciente de suas limitações, define rede urbana como um conjunto de centros articulados do ponto de vista funcional, que se estruturam territorialmente objetivando a criação, apropriação e circulação do valor excedente, sendo este tipo de rede o mais acabado, mais conhecido e o mais estudado na perspectiva geográfica. Corrêa ressalta ainda que não se pode compreender a rede urbana fora do sistema capitalista de produção, onde três condições são requeridas para a existência de uma rede urbana: economia de mercado, a existência de pontos fixos no território onde os negócios da economia de mercado se realizem e articulação entre esses pontos mediada pela circulação e consumo. Nesse sentido, Corrêa (1994, p. 8) resume que a rede de cidades na atualidade “[...] reflete e reforça as características sociais e econômicas do território, sendo uma dimensão socioespacial da sociedade”.

As novas relações em diferentes níveis escalonares (regional, nacional e global) inserem-se na lógica da expansão e dos fluxos de capital. A atual fase da expansão capitalista marca profundamente os lugares, haja vista as diversas escalas da organização espacial, que se caracteriza pelo processo de globalização e dominada por poderosas corporações. Esse processo subverte a lógica vertical de hierarquia entre cidades proposta inicialmente por Christaller, caracterizando-se por um processo dinâmico e poli-hierárquico. Assim, as cidades passam cada vez mais a estabelecerem relações à longa distância, de capitais, informações e comando, mas também de bens, pois se intensifica a divisão territorial do trabalho, ao mesmo tempo em que se mantêm também as relações hierárquicas tradicionais, gerando, nas palavras de Santos, uma rede

urbana curto-circuitada ou, ainda, na contribuição de Catelan (2012), uma heterarquia urbana.

Tantas mudanças nos padrões de rede urbana só se concretizam porque “[...] a globalização causa vigoroso impacto sobre as esferas econômica, social, política e cultural, mas também, e simultaneamente, sobre a organização espacial que tanto reflete como condiciona aquelas esferas” (Corrêa, 1999a, p. 44). Na esteira desse pensamento, o citado autor destaca que “[...] a rede urbana é afetada pela globalização tanto por intermédio de *criações urbanas recentes* [...] como da *refuncionalização* dos centros preexistentes, imposta ou induzida pelas corporações globais” (Corrêa *op. cit.* Grifos do autor).

É dentro desse complexo contexto teórico, econômico e político que os estudos e publicações, analisados a seguir, tentaram, cada uma a seu modo e a seu tempo, clarificar a rede urbana brasileira. Tal rede, nos princípios do século XXI, reflete uma intrincada teia de interações espaciais que se desdobram em diversas escalas, revelando uma complexidade que se desenvolveu ao longo de sua história. Essa rede não é apenas um produto do presente, mas também carrega as marcas profundas de um passado moldado pelos ciclos econômicos que elevaram ou relegaram cidades brasileiras ao longo do tempo.

Ao observar a atualidade, percebe-se uma rede urbana dinâmica, conectada e pulsante, influenciada por fatores como globalização, tecnologia e mudanças no cenário econômico. Grandes centros urbanos emergem como nós cruciais nessa rede, desempenhando papéis estratégicos em setores como finanças, tecnologia, cultura e serviços. Essas cidades são pontos de convergência, cujos fluxos de informação, capital e pessoas se entrelaçam, transcendendo fronteiras geográficas.

No entanto, ao analisar mais de perto essa rede urbana contemporânea, torna-se evidente que sua estrutura é, em parte, um reflexo dos ciclos econômicos que marcaram o desenvolvimento do Brasil. Desde o período colonial, o país testemunhou ciclos econômicos impulsionados por atividades como a extração do ouro, a produção açucareira, o

ciclo do café e a industrialização. Cada um desses ciclos deixou suas marcas nas cidades, elevando algumas ao status de centros econômicos, enquanto deixava outras em declínio.

Cidades como Ouro Preto, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro são exemplos emblemáticos desse legado. Ouro Preto, outrora o epicentro da corrida do ouro, hoje preserva sua arquitetura colonial como testemunho de sua importância histórica. Recife, com suas conexões comerciais durante o ciclo do açúcar, mantém uma influência cultural e econômica significativa. São Paulo e Rio de Janeiro, por sua vez, prosperaram durante diferentes fases da industrialização e continuam a ser protagonistas na rede urbana contemporânea.

Essas cidades, ao mesmo tempo em que se adaptam às demandas do século XXI, carregam consigo as cicatrizes e os traços deixados pelos processos do passado. A desigualdade socioeconômica, a concentração de poder e recursos, bem como as disparidades regionais, são reflexos das transformações econômicas ao longo do tempo.

Os estudos sobre Região de Influência das Cidades (REGIC/IBGE) e a posição de Sobral

O IBGE publicou, em 1972 (com dados de 1966), o estudo *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*, primeiro nesta seara no Brasil. O estudo tinha por objetivo “[...] servir de modelo tanto para uma política regionalizada do desenvolvimento, como para orientar a racionalização dos suprimentos dos serviços de infraestrutura urbana através da distribuição espacial mais adequada” (IBGE, 1972, p. 9). Percebe-se nesta proposta um compromisso com uma visão mais abrangente do ideário de desenvolvimento nacional, até então mais focado nas regiões Sul e Sudeste.

Apoiando-se teoricamente no conceito de centralidade, as divisões regionais urbanas adotaram como metodologia de análise a organização dos fluxos, que, no caso da *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas* (1972), considerou os seguintes aspectos: fluxos agrícolas e distri-

buição de bens e serviços à economia e à população. Desse modo, os fluxos vão estabelecer a relação entre as cidades, de modo a determinar as suas áreas de influência e hierarquia dos centros urbanos (IBGE, 1972).

A metodologia da pesquisa foi desenhada a partir do modelo proposto por Hagget e Chorley², que privilegiou o uso de “[...] uma estrutura simplificada da realidade que apresenta, supostamente, características significativas ou relações de forma generalizada”. Para Lima (2000), tal metodologia se aproxima dos parâmetros da geografia quantitativa ou teórica, muito arraigada aos modelos e interpretações estatístico-matemáticos da realidade. Para este autor, a pesquisa buscava “[...] indicadores que exprimissem os relacionamentos urbanos, através da rede viária e fluxos de passageiros e das relações entre cidades, com o levantamento de distribuição de bens e serviços à economia e à população” (Lima, 2000, p. 209).

Na metodologia do estudo, foram considerados os municípios com população superior a 10 mil habitantes, resultando num total de 731 municípios pesquisados. O estudo confirmou alguns centros de primeira ordem do estudo anterior e incluiu Goiânia como cabeça de rede, conforme podemos verificar no Quadro 1.

Quadro 1 - Estrutura da Hierarquia Urbana Brasileira - 1972

Grande metrópole nacional: São Paulo
Metrópole nacional: Rio de Janeiro
Centros metropolitanos regionais: Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Centros macrorregionais: Curitiba, Fortaleza, Belém e Goiânia.
Centros 2a: 29 cidades.
Centros 2b: 37 cidades.
Centros 3a: 72 cidades.
Centros 3b: 98 cidades.
Centros 4a: 141 cidades.
Centros 4b: 329 cidades.

Fonte: IBGE, 1972; Lima, 2000.

2 Cf. HAGGET, P; CHORLEY, R. J. *Socio-economic models in geography*. University Paperbacks, London, 1967.

Nesse estudo, Fortaleza é detentora de uma grande área de influência, incluindo todo o Estado do Ceará e a metade norte dos estados do Maranhão e Piauí. Sobral, enquanto centro urbano, aparece na categoria de centro 2b (Centro Regional), que:

Compreende os centros que se ligam diretamente aos do nível 1 e se destacam na distribuição de bens e serviços à economia, sobretudo no abastecimento do atacado e do varejo, no estabelecimento de filiais e na venda de máquinas agrícolas. No setor de serviços à população fornecem o varejo especializado e, por vezes, o varejo fino e serviços de médicos especialistas (IBGE, 1972, p. 15).

Outra característica do Centro Regional 2B é que sua influência não tem atuação extrarregional, relacionando-se apenas com municípios limítrofes ou muito próximos. Chama atenção também o fato de não existirem centros 2A com os quais Sobral se relacione, estando diretamente vinculado à capital, Fortaleza, exprimindo desde já os desequilíbrios da rede urbana cearense.

Para esse estudo, Sobral tem em sua zona de influência direta os municípios de Ipu, Camocim, Massapê, São Benedito e Ubajara. Somando-se a estes, estão uma série de outros pequenos municípios, sendo 34 o total sob a influência de Sobral para o REGIC de 1972.

Em 1987, a Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas foi retomada a partir da atualização deste estudo, culminando com o documento Região de Influência das Cidades – REGIC (1987). Apesar do ano de lançamento, os dados referentes às análises são de 1983. Para o Regic publicado em 1987, foram consideradas 76 atividades como indicadoras de centralidade (na pesquisa de 1968, foram consideradas apenas 12). As informações foram obtidas a partir da aplicação de questionários em 1.416 municípios. Foram feitos novos levantamentos, “[...] tendo em vista retratar o novo quadro da rede urbana brasileira que incorpora não somente efeitos de um longo e territorialmente diversificado processo histórico, como também os efeitos da dinâmica que recentemente

afetou a sociedade brasileira” (IBGE, 1987, p. 11). A hierarquia da rede urbana neste estudo foi organizada de acordo com o Quadro 2.

Quadro 2 - Estrutura da Hierarquia Urbana Brasileira - 1987

Metrópoles Nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro
Metrópoles Regionais: Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Goiânia.
Centros submetropolitanos
Capitais regionais
Centros sub-regionais
Centro de zona

Fonte: IBGE, 1985.

É preciso atentar-se que neste documento ficou bem explícito o quadro teórico adotado, ou seja, a Teoria dos Lugares do Centrais, formulada por Christaller. No resgate dessa teoria, são privilegiadas as centralidades derivadas do papel que desempenham os centros distribuidores de bens e serviços, chamadas de funções centrais. Não obstante, a utilização da ideia de lugar central, proposta por Christaller, o Regic (IBGE, 1987), reconhece as numerosas críticas sobre os trabalhos empíricos, efetuados com base na teoria.

O Regic de 1987, na elaboração do seu quadro operacional, considera como fundamento a ideia de Localidade Central, salientando que elas apresentam vários correlatos com a rede urbana brasileira, pois, em qualquer situação, mesmo longe do que foi pensando por Christaller, irá emergir uma rede urbana hierarquizada, desde que haja um mercado com oferta de bens e serviços, e uma população disposta a adquiri-los (IBGE, 1987). Ainda conforme o Regic:

As diferenças entre regiões de um mesmo país no que se refere ao volume e à distribuição de população e da renda, e a maior ou menor modernização das atividades, desempenham importante papel na diferenciação entre centros de mesmo nível hierárquico relativamente à oferta de bens e serviços, dimensão da área de influência e volume de população servida (IBGE, 1987, p. 13).

Neste estudo, leva-se ainda em consideração as críticas feitas à Teoria das Localidades Centrais quanto ao fato de haver, nos países subdesenvolvidos, a existência dos dois circuitos da economia urbana (circuito superior e inferior), conforme formulação de Santos (1979). Desse modo,

O circuito superior é pouco expressivo ou praticamente inexistente nas pequenas cidades, de baixo nível hierárquico, resultando que a área de influência destes centros em relação a este circuito seja nula ou muito reduzida. O circuito superior ganha expressão na grande cidade, cuja área de influência máxima corresponde à projeção espacial deste circuito. No entanto, dado que não existe continuidade espacial no consumo de bens e serviços que o circuito superior oferece, pois se trata de artigos ou serviços de consumo raro, sofisticados e caros, sua área de influência é espacialmente descontínua ainda que cubra todo o território regional ou nacional (IBGE, 1987, p. 14).

Essa discussão poderia, evidentemente, ser bem mais ampliada, todavia extrapolaria o escopo deste artigo, mas entende-se sua pertinência, conforme ela foi incorporada às formulações concernentes ao quadro teórico que embasa o Regic 1987, dada a forma de organização socioespacial da sociedade brasileira e conseqüentemente de sua rede urbana.

No Regic de 1987, a rede urbana cearense compõe-se da metrópole Fortaleza, de dois centros submetropolitanos, cinco capitais regionais, seis centros sub-regionais e 88 centros de zona. Sua área de influência abarca ainda áreas dos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, além do próprio Ceará. Nessa divisão, Sobral aparece como uma Capital Regional. Esse nível hierárquico foi definido “[...] pelo fato de atuarem distribuindo bens e serviços definidores do nível de capital regional, distribuição esta que, em termos espaciais define suas regiões de influência” (IBGE, 1987, p. 22). Para este estudo, Sobral tem sob sua influência direta os municípios de Crateús, Massapê. Acaraú, Camocim, Ubajara, São Benedito, Ipu, Santa Quitéria e Nova

Russas. Além destes, há ainda uma série de pequenos municípios subordinados, num total de 46 municípios em sua zona de influência.

Em 1993, outro estudo sobre a região de influência das cidades foi elaborado. Além de continuar seguindo a mesma linha teórica do estudo anterior, ou seja, a Teoria das Localidades Centrais, esse estudo também trouxe como referência teórica adicional a análise das redes geográficas como uma forma de entender o espaço e apreendê-lo como dinâmico, a partir de diversos fluxos que se estabelecem. Observa-se aí um movimento que procura agregar aos estudos de hierarquia das cidades as relações em rede, que emergem a partir dos anos de 1980 com o aprofundamento do processo de globalização e a intensificação dos fluxos, não apenas de bens e pessoas, mas também de capitais e decisões das grandes corporações. É a partir desses fluxos que se verificam as redes de lugares centrais e conseqüentemente as hierarquias urbanas, e nesse sentido, as redes viabilizam a circulação unindo pontos que são os fixos de onde emergem os fluxos e conforme o referido estudo:

[...] é primordial a percepção de que as redes são instrumentos viabilizadores da circulação e da comunicação e estas, por seu turno, são de fundamental destaque na organização do espaço. A organização espacial é revelada, por um lado, pelos elementos fixos - cidades, casas, fazendas, portos, indústrias etc. - fruto do trabalho social dos homens. Por outro lado, o entendimento daquela organização é complementado pelos fluxos que estabelecem interações entre os mencionados fixos, originando as redes (IBGE, 1993, p. 13).

Além dessa importante discussão sobre fluxos e redes, uma maior conscientização sobre a emergência do modelo capitalista pode ser verificada no estudo, reconhecendo inclusive que as questões de classe são definidoras ao mesmo tempo em que são definidas pelos arranjos espaciais, aí incluídos à rede urbana. Tais disparidades sociais se dão, sobretudo, pela diferenciação dos alcances espaciais dos circuitos inferior e superior da economia (Santos, 1979), já discutidos aqui.

O Regic 1993 utilizou como referência 46 funções centrais³. Os municípios que fizeram parte da análise tiveram como critério de seleção possuir pelo menos três das seguintes características: 1- ser sede de comarca; 2- contar com agência bancária; 3- dispor de médico residente na cidade; e 4- dispor de emissora de rádio AM. Além desses critérios, entraram na análise também os municípios com mais de 20.000 habitantes segundo a Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991. Dessa forma, foram selecionados 2.106 municípios dentro de um universo de 4.495 municípios brasileiros existentes à época.

A fim de melhor apreender a diversidade de centros da rede urbana brasileira, empregaram-se oito diferentes níveis de centralidade. Moura, Nagamine e Ferreira (2021) pontuam que a pesquisa de 1993, apesar de manter o alinhamento dos objetivos e procedimentos operacionais das pesquisas anteriores e posteriores, trouxe uma nomenclatura peculiar para as classes de centros, como se vê a seguir no Quadro 3.

Quadro 3 - Níveis de Centralidade das Cidades Brasileiras - 1993

Níveis	Número de Cidades	Padrões de Cidades
Máximo	9	Metropolitano
Muito Forte	24	Predominantemente Submetropolitano
Forte	35	Predominantemente de Capital Regional
Forte para médio	108	Predominantemente de Centro Sub-Regional
Médio	141	Tendendo a Centro Sub-Regional
Médio para fraco	195	Predominantemente Centro de Zona (ou Centro Local)
Fraco	250	Tendendo a Centro de Zona (ou Centro Local)
Muito fraco	3.733	Municípios Subordinados

Fonte: Regic/IBGE, 1993.

No Regic 1993, Sobral aparece como um centro de forte centralidade, que seria, de acordo com o quadro operacional da pesquisa, o padrão predominantemente de capital regional. Nesse estudo, estão su-

3 Os fluxos referentes aos serviços de informações – origem de jornais diários e de emissão de sinais radiofônicos AM ou FM - também foram investigados sem, contudo, integram o conjunto de funções centrais definidor do nível hierárquico das cidades brasileiras.

bordinados diretamente a Sobral quatro centros urbanos, a saber: Tanguá, Ubajara, Camocim e Santa Quitéria. Além destes, outros 41 centros estão ligados indiretamente a Sobral.

Uma nova atualização do Regic foi publicada em 2008, com dados referentes a 2007. Essa publicação se propôs a um retorno à concepção utilizada nos primeiros estudos, que resultaram na Divisão do Brasil em *Regiões Funcionais Urbanas*, de 1972. Sendo assim, estabeleceu-se primeiro uma classificação dos centros, para depois delimitar suas áreas de atuação (Regic/IBGE, 2008). Mantém-se ainda a base conceitual a partir da Teoria das Localidades Centrais de Christaller, em que se buscou identificar a centralidade a partir dos fluxos para aquisição de bens e serviços, sobretudo àquelas ligadas às atividades de comércio e serviços, atividade financeira, ensino superior, serviços de saúde, internet, redes de televisão aberta e transporte aéreo. Observa-se neste estudo a inclusão de variáveis que não estavam presentes nos estudos anteriores, muitos em grande parte porque não existiam nos períodos analisados. Se até 1993 as emissoras de rádio eram parâmetro importante, para o Regic 2007 são as emissoras de TV e sobretudo a internet, que vai contribuir para a definição de centralidades, o que denota que, apesar da longevidade desse tipo de estudo sobre a rede urbana brasileira, o IBGE está atento para atualizar as metodologias para que possam captar as mudanças que ocorrem com o passar do tempo.

Para o Regic 2007, além da centralidade, foram consideradas as *funções de gestão do território* consubstanciando-se como uma novidade de cunho metodológico. Entende-se como centro de gestão do território “[...] aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nela sediadas” (Corrêa, 1999b, p. 83).

As classes de centros urbanos e a hierarquia urbana brasileira foram então definidas, como expressa no Quadro 4.

Quadro 4 - Estrutura da Hierarquia Urbana Brasileira - 2008

1. Metrôpoles Grande metrôpole nacional: São Paulo Metrôpole Nacional: Rio de Janeiro e Brasília Metrôpoles: Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre.
2. Capital Regional Capital regional A: 11 cidades Capital regional B: 20 cidades Capital regional C: 39 cidades
3. Centro sub-regional Centro sub-regional A: 85 cidades Centro sub-regional B: 79 cidades
4. Centro de Zona Centro de zona A: 192 cidades Centro de zona B: 364 cidades
5. Centro Local: 4.473 cidades

Fonte: Regic/IBGE, 2008.

Neste novo levantamento, Sobral se sobressai como uma Capital Regional C, que são aqueles que assim se caracterizam:

[...] como as metrôpoles, também se relacionam com o estrato superior da rede urbana. Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrôpoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios (IBGE, 2008, p. 11).

Neste estudo, Sobral detinha em sua área de influência direta os municípios de Camocim, Guaraciaba do Norte, Ipu e São Benedito. Além destes, estavam submetidos a Sobral outros 34 municípios, totalizando 38 municípios na sua zona de influência. Assim, Sobral, que no estudo anterior aparecia com forte centralidade, adentra o século XXI se firmando como uma importante centralidade na região norte cearense,

despontando como uma liderança regional. Sobral é, junto com o complexo de cidades Juazeiro do Norte - Crato - Barbalha, os únicos classificados nessa categoria de centralidade no estado do Ceará.

Em 2020, uma nova versão do Regic foi lançada. Com dados referentes a 2018, o documento dá continuidade às propostas de estudo sobre a rede urbana, mais precisamente sobre as regiões de influências das cidades. Do ponto de vista do embasamento teórico, embora ainda estejam presentes os pressupostos da teoria das localidades centrais, o estudo tem por base também a teoria dos fluxos centrais de Taylor (2004)⁴, que por sua vez incorpora a teoria de Christaller. A manutenção da base Christalliana se dá, sobretudo, por meio do entendimento da cidade como um conjunto de centros funcionalmente articulados – a rede urbana –, pois “Cada cidade – aqui tratada como sinônimo de lugar central – é dotada de uma centralidade, significando a importância relativa que um centro urbano exerce em sua região do entorno” (IBGE, 2020, p. 69).

Quanto à discussão da teoria dos fluxos centrais, o estudo parte do princípio de que “[...] as cidades se definem por suas relações externas, pelos fluxos que as perpassam ou têm nelas seus pontos iniciais e finais, [...]” (IBGE, 2020, p. 70). Ao mesmo tempo, as formulações aqui apresentadas destacam o fato de que os estudos interurbanos “[...] foram dominados pelas formulações de Christaller” (IBGE, 2020, p. 70). Na formulação teórica do Regic 2020, fica evidente a crítica ao caráter pragmático da teoria christalliana, haja vista a condição complexa e evolutiva da cidade. Justificam, assim, a necessidade de “[...] um outro arcabouço teórico, mais compatível com o momento histórico atual de emergência das organizações em rede enquanto formas sociais hegemônicas” (IBGE, 2020, p. 70). Desse modo, a utilização da Teoria dos Fluxos Centrais de Taylor⁵ é abordada como forma de preencher o que consideram uma lacuna na teoria de Christaller.

4 Cf. TAYLOR, P. J. **World city network**: a global urban analysis. London: Routledge, 2004. 241 p.

5 Taylor parte do pressuposto de que todo sistema urbano é composto simultaneamente de dois processos: de um lado, a cidade continua a ter o papel de fornecer bens e serviços polarizando sua região de entorno de maneira contígua e, de outro, faz parte de uma rede de ligações de longa distância, que se interconecta de forma seletiva. Esse duplo caráter é parte constituinte da essência das cidades e está presente, em diferentes graus, em todo centro urbano.

Entende-se que, apesar de a TLC possa fornecer um razoável retrato das centralidades de uma rede urbana e consequente hierarquia desses centros, de fato ela não dá espaço para o entendimento dos processos de fluidez dos tempos atuais, marcados, sobretudo, pelo avanço das telecomunicações, onde a organização das cidades não se dá apenas de maneira hierárquica, mas também reticular, conectando pontos em muitos casos distantes e não contínuos. Nesse sentido, a teoria de Taylor é entendida no sentido de preencher as lacunas, ao dar ênfase às relações das cidades com espaços mais distantes. Por isso, a teoria de Taylor foi incorporada ao Regic, pois dá conta das relações externas da cidade, uma vez que elas não estão mais restritas a relações de continuidade hierarquizadas verticalmente.

Desse modo, a metodologia do Regic 2018 indica uma forma híbrida de pensar a rede urbana. Por um lado, mantém as premissas básicas da teoria de Christaller, ao buscar entender as interações espaciais ainda marcadas pela proximidade e contiguidade, cuja fricção da distância é o principal limitador. Por outro lado, com base na teoria dos Fluxos, considera que as relações entre cidades se dão fora da contiguidade e se modelam de maneira reticular, pois

[...] As relações são efetivadas pelas atividades urbanas que realizam conexões a longa distância, ligando cidades dos mais variados tamanhos e passando por cima das barreiras espaciais clássicas, como as fronteiras, as divisas, o relevo, a rede hidrográfica e a presença ou ausência de malha viária (IBGE, 2020, p. 70).

Nesta edição do Regic, foram considerados também os Arranjos Populacionais Urbanos. Considerando os autores do estudo, em alguns casos, a centralidade não se dá apenas por uma cidade isolada, mas um conjunto delas, “que são indissociáveis como unidade urbana. Trata-se de Municípios conurbados ou que possuem forte movimento pendular para estudo e trabalho, com tamanha integração⁶ que justifica conside-

6 “A escolha dos critérios que formam um arranjo populacional está baseada na noção de existência de relacionamentos cotidianos por grande parte da população entre dois ou mais mu-

rá-los como um único nó da rede urbana” (IBGE, 2020, p. 11). Desta forma, o Regic 2018 considerou três possibilidades territoriais: os Arranjos Populacionais, já tratados, as concentrações urbanas (arranjos populacionais ou municípios que ultrapassem 100 mil habitantes) e os municípios isolados, que são aqueles que não participam de nenhum arranjo populacional ou não são considerados concentrações urbanas.

Em resumo, o estudo do Regic 2018 estabeleceu um quadro geral da rede urbana brasileira, de acordo com a seguinte divisão (Quadro 5).

Quadro 5 - Estrutura da Hierarquia Urbana Brasileira - 2018

<p>1. Metrôpoles</p> <p>Grande metrôpole nacional: São Paulo</p> <p>Metrôpole Nacional: Arranjo Populacional do Rio de Janeiro e Arranjo Populacional de Brasília.</p> <p>Metrôpoles: Arranjo Populacional de Goiânia/GO; Manaus; Arranjo Populacional de Fortaleza-CE; Arranjo Populacional de Campinas/SP; Arranjo Populacional de Vitória/ES; Arranjo Populacional de Belém/PA; Arranjo Populacional de Florianópolis/SC; Arranjo Populacional de Curitiba/PR; Arranjo Populacional de Belo Horizonte/MG; Arranjo Populacional do Recife/PE; Arranjo Populacional de Porto Alegre/RS; Arranjo Populacional de Salvador/BA</p>
<p>2. Capital Regional</p> <p>Capital regional A: 9 cidades</p> <p>Capital regional B: 24 cidades</p> <p>Capital regional C: 64 cidades</p>
<p>3. Centro sub-regional</p> <p>Centro sub-regional A: 96 cidades</p> <p>Centro sub-regional B: 256 cidades</p>
<p>4. Centro de Zona</p> <p>Centro de zona A: 147 cidades</p> <p>Centro de zona B: 251 cidades</p>
<p>5. Centro Local: 4.037 cidades</p>

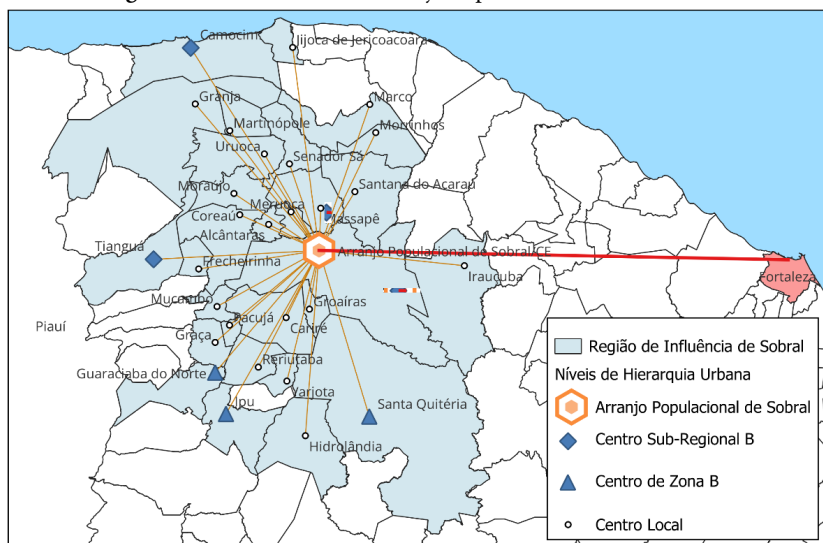
Fonte: Regic/IBGE, 2020.

municípios. Os relacionamentos existem devido a fatores, tais como: crescimento de uma cidade (os casos mais comuns são os metropolitanos, onde a capital costuma atrair população do entorno); emancipação de um município; processos históricos de formação; localização de indústrias (onde uma fábrica em um pequeno município demanda população dos municípios vizinhos); entre outros. Considera-se, assim, o termo integração como o mais apropriado para sintetizar esses diversos contextos” (IBGE, 2018, p. 22).

Apesar da diminuição do número de municípios em sua área de influência no REGIC 2018 (28 no total), Sobral continua a se manter como Capital Regional C, consolidando-se como a principal centralidade da região noroeste do Ceará. A redução do número de municípios diretamente influenciados por Sobral pode ser atribuída a uma combinação de fatores, sendo dois deles particularmente relevantes. Primeiramente, é importante considerar as mudanças metodológicas adotadas Regic 2018, que incluíram a teoria dos fluxos. Essa abordagem mais dinâmica e abrangente pode ter redefinido as relações de influência entre os centros urbanos, levando a uma reconfiguração das áreas de influência de Sobral e de outras cidades na região.

Além disso, é importante observar a tendência de equilíbrio na rede urbana cearense, com o crescimento de cidades intermediárias. Essas cidades emergentes estão gradualmente estabelecendo suas próprias áreas de influência e diversificando suas economias, tornando-se menos dependentes de centros urbanos tradicionalmente dominantes como Sobral. Esse fenômeno reflete uma distribuição mais equilibrada do desenvolvimento urbano e regional, com cidades assumindo papéis mais proeminentes em suas respectivas áreas, o que não altera a posição de Sobral como capital regional C devido à sua relevância econômica, cultural, educacional e administrativa na região noroeste do Ceará. Sua infraestrutura desenvolvida, sua diversificada base econômica e sua forte oferta de serviços continuam a atrair população e investimentos, consolidando sua posição como o principal centro urbano da região.

Figura 1 - Rede Urbana do Arranjo Populacional de Sobral - 2018



Fonte: Regic/IBGE, 2020.

Nessa última versão do Regic, Sobral se mantém na posição indicada no Regic 2018, ou seja, como Capital Regional C. Essas cidades são, segundo o Regic 2018, “[...] os centros urbanos com alta concentração de atividades de gestão, mas com alcance menor em termos de região de influência em comparação com as Metrôpoles” (IBGE, 2020, p. 11). Como a metodologia do Regic 2018 considera ainda a teoria dos fluxos, o Arranjo Populacional de Sobral vai se ligar a algumas cidades que, embora não caracterize uma relação de rede urbana, promovem trocas com Sobral de alguma forma.

No Regic de 2018, uma análise abrangente foi realizada para entender os fluxos que conectam diferentes municípios, revelando uma rede complexa de interações que vai além das fronteiras territoriais convencionais. Um aspecto significativo foi a identificação de 28 municípios que mantêm algum tipo de ligação com Sobral, não apenas através de vínculos tradicionais de rede urbana, mas também por meio de diversos fluxos de atividades socioeconômicas.

Estes fluxos não se restringem a relações meramente de proximidade, mas são impulsionados por necessidades e oportunidades específi-

cas. Dentre os municípios destacados, encontraram-se exemplos notáveis, como Balsas e Tiago Fragoso, localizados no estado do Maranhão. Essas áreas mantêm uma conexão importante com Sobral devido ao destino da produção agropecuária. A troca de bens e serviços entre essas regiões demonstra a interdependência econômica que ultrapassa as divisas estaduais. Outro município destacado foi Parnaíba, no estado do Piauí, que se conecta a Sobral através de fluxos relacionados aos serviços de ensino superior. Esta conexão revela como Sobral desempenha um papel significativo como centro educacional, atraindo estudantes e profissionais de cidades vizinhas e até mesmo de outros estados.

Considerações finais

Não houve a intencionalidade de fazer uma análise detalhada dos Regics, todavia, considera-se importante estabelecer certo paralelo entre a perspectiva teórico-metodológica adotada a partir de 1972 até a que foi utilizada em 2018, sobre a hierarquia dos centros urbanos e a região de influência das cidades, na compreensão do espaço brasileiro.

No cenário da pesquisa acadêmica sobre hierarquia urbana e regiões de influência das cidades, os estudos do Regic têm se destacado como um marco de longevidade e consistência teórica-metodológica. Desde a década de 1970, portanto há quase meio século, essa abordagem tem fornecido uma base sólida para que se compreenda a dinâmica da rede urbana brasileira e suas interações em diferentes escalas territoriais. É inegável a importância desses estudos para o planejamento regional e urbano no Brasil. As análises realizadas pelo Regic têm subsidiado políticas públicas, orientando investimentos e proporcionado um entendimento mais aprofundado das dinâmicas socioeconômicas e espaciais do país.

O Regic tem se destacado ainda por sua abordagem dinâmica e adaptativa no campo da pesquisa geográfica. Longe de se prender a formulações teóricas estáticas, o Regic tem como princípio fundamental a constante atualização de suas bases metodológicas para refletir as trans-

formações contínuas na sociedade e no território ao longo do tempo. Em sua última edição, por exemplo, o estudo incorporou a teoria dos fluxos de Taylor em seu referencial teórico. A decisão de incluir essa teoria não foi apenas uma adição arbitrária, mas uma resposta sensível às mudanças observadas nos territórios contemporâneos. A teoria dos fluxos de Taylor oferece uma nova perspectiva sobre a organização dos territórios, reconhecendo que as relações espaciais não são mais restritas apenas à proximidade física, mas também se estendem por longas distâncias. Isso é particularmente relevante em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, cujas interações econômicas, culturais e sociais transcendem as fronteiras geográficas.

Tratou-se ainda das formas de inserção de Sobral nas regionalizações e hierarquias propostas nos estudos realizados pelo IBGE. Ante os diversos estudos elaborados na perspectiva do entendimento da rede urbana brasileira, é possível se apreender transformações da posição de Sobral nas diversas classificações nele contida. O Quadro 6 indica um resumo da posição de Sobral nos estudos de hierarquia urbana brasileira.

Quadro 6 - Sobral nos estudos da Hierarquia Urbana Brasileira (1972-2020)

Levantamento	Posição de Sobral na hierarquia urbana
Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas, 1972	Centro Regional 2B
Regiões de Influência das Cidades, 1987	Capital Regional
Regiões de Influência das Cidades, 1993	Forte Centralidade
Regiões de Influência das Cidades, 2007	Capital Regional C
Regiões de Influência das Cidades, 2018	Capital Regional C

Fonte: IBGE, 1972, 1987, 1993, 2008 e 2020.

A posição de Sobral nos estudos de região de influência das cidades tem evoluído ao longo do tempo, refletindo mudanças na estrutura urbana e no desenvolvimento regional. Podemos verificar que sua influência se destaca como uma importante cidade na região noroeste do Ceará, que alcança inclusive, apesar da barreira geomorfológica da Cuesta da Ibiapaba, cidades do Maranhão e do Piauí através dos fluxos identificados no Regic 2018. Cabe destacar que pesquisas qualitativas sobre essa cidade poderão lançar luz sobre os aspectos que permitem

com que essa centralidade siga se reforçando desde os primeiros estudos de rede urbana desenvolvidos pelo IBGE.

Referências

ABREU, M. de A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. *In: CARLOS, A. F. A. (Org.). Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano.* São Paulo: [s.n.], p. 199-322, 1994.

CARLOS, A. F. A. A reprodução da cidade como “negócio”. *In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole.* São Paulo: Contexto, p. 29-37, 2005.

CATELAN, M. J. **Heterarquia urbana:** interações espaciais interesca-
res e cidades médias. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Fa-
culdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2012.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany.** New Jersey:
Prentice-Hall, (Trad. C.W. Baskin). 1966.

CORRÊA, R. L. O estudo da rede urbana: uma proposição metodológi-
ca. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 107-
124, abr./jun., 1988.

CORRÊA, R. L. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da
produção geográfica brasileira. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de
Janeiro, n. 51, v. 3, p. 113/137, jul./set. 1989.

CORRÊA, R. L. **A Rede Urbana.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

CORRÊA, R. L. Identificação dos centros de gestão do território no
Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p.
83-102, jan./mar. 1995. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/co-
leção_digital.htm](http://biblioteca.ibge.gov.br/co-
leção_digital.htm). Acesso em: ago. 2017.

CORRÊA, R. L. Redes Geográficas – 5 pontos para discussão. *In: VAS-
CONCELOS, P. de A; MELO E SILVA, S. B. de. Novos Estudos de Geo-
grafia Urbana Brasileira.* Salvador: Ed. UFBA, 1999a.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana – uma
nota sobre as pequenas cidades. *In: Revista Território*, Ano IV, n. 6,
jan./jun. 1999b.

CORRÊA, R. L. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR*, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais v. 1** [...], Rio de Janeiro: Gráfica Lidador, p. 424-430, 2001.

CORRÊA, R. L. Posição geográfica de cidades. **Revista Cidades**, v. 1, n. 2, p. 317-323, 2004.

CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336 p.

CORRÊA, R. L. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Revista Cidades**, v. 04, n. 06, p. 62-72, 2007a.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. *In: SPÓSITO, M. E. B. (Org.). Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007b.

IBGE. **Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1972. 112 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?id=213622&view=detalhes>. Acesso em: jan. 2020.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 183 p. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxosgeograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?edicao=24590&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: jan. 2020.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. 230 p. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxos-geograficos/15798-regioes-de-influencia-dascidades.html?edicao=15975&t=publicacoes>. Acesso em: jan. 2020.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 187 p. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxosgeograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?edicao=16168&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: jan. 2020.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 201 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em: jun. 2020.

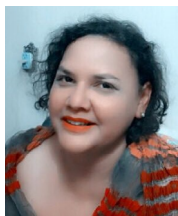
IPEA. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil**: estudos básicos para caracterização da rede urbana / IPEA, IBGE, UNICAMP, Brasília: IPEA, 2001.

LIMA, L. C. Regionalização do Estado do Ceará. *In*: LIMA, L. C.; MORAIS, J. O.; SOUZA, M. J. N. **Compartimentação territorial e gestão regional do Ceará**. Editora FUNECE: Fortaleza, 2000.

MOURA, R.; NAGAMINE, L.; FERREIRA, G. **Regic**: trajetória, variações e hierarquia urbana em 2018. Texto para Discussão, 2021.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SOBRE OS ORGANIZADORES



Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Professora associada dos cursos de graduação em geografia (bach. /licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEIO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. É bolsista do Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e Inovação Tecnológica - BPI, financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Fun-cap. É membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias-ReCiMe e da Rede de Pesquisadores sobre Pequenas Cidades-Mikripoli. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6070-7292>. E-mail: virginia_holanda@uvanet.br



Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Professor adjunto dos cursos de graduação em geografia (bach. / licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEIO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Projeto de pesquisa contemplado pela Chamada Universal CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021. É membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias-ReCiMe e da Rede de Pesquisadores sobre Pequenas Cidades-Mikripoli. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2090-6312>. E-mail: l Luiz_goncalves@uvanet.br



Glauciana Alves Teles

Doutora e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - PROPGEIO/UECE. Docente do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEIO/UVA. Coordena o Projeto de Pesquisa: Desenvolvimento Urbano, Cidades Inteligentes e Sustentáveis no contexto do PDPG III (CAPES/FUNCAP). É coordenadora do grupo de pesquisa Geografia, Ensino e Formação Docente (DGP/CNPq), do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia (LAPEGEO) e do Projeto de extensão internacional “Nós Propomos! Educação Geográfica, Inovação e Cidadania Territorial” na UVA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6952-8837>. E-mail: glauciana_teles@uvanet.br

SOBRE OS AUTORES

Adilson João Tomé Manuel

Angolano, Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paulista -UNIP Campus de Bauru. Mestre em Gestão do Espaço Urbano, Universidade São Judas Tadeu- USJT (2016). Coordenador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário INTA -UNINTA. Coordena o Núcleo de Experimentações Digitais em Arquitetura e Urbanismo - NEXAU, do Projeto de Pesquisa Inovação e Tecnologia- INTEC-UNINTA (desde 2023).

Aldiva Sales Diniz

Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP. Professora dos cursos de graduação em geografia (bach. /licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROP GEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú -UVA.

Andréia Coelho Cela

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (2019) e é Mestra em Planejamento Urbano pela mesma instituição (2023). Atualmente atua como assessora de gestão na Assessoria de Prevenção à Violência do Governo do Estado do Ceará, onde gerencia a implementação do Programa Integrado de Prevenção e Redução da Violência por meio da cooperação técnica com nove municípios do interior do estado. Tem vivência profissional na área de planejamento e gestão de projetos e, no campo acadêmico, tem trabalhado principalmente nos seguintes temas: produção do espaço urbano, bairros periféricos, violência urbana, vulnerabilidade social, segregação socioespacial, direito à cidade e urbanismo social.

Cícera Sarah Moura Farias

Graduada e Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Ceará - UFC, foi Gerente de Biodiversidade na Agência Municipal do Meio Ambiente de Sobral (AMA), responsável pela manutenção de praças, parques e unidades de conservação, com ênfase em soluções baseadas na natureza e resiliência climática. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Luciano Feijão.

Eloise de Brito Mudo

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009) e mestrado acadêmico em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR UFRGS (2017). É Técnica em Edificações pelo IFCE (1998). Atualmente é docente e gestora de extensão e responsabilidade social no Curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário INTA-UNINTA, em Sobral-CE.

Fernanda Elias Fernandes

Graduada em Administração Centro Universitário UNINTA. Possui mais de 15 anos de experiência em gerenciamento de projetos e programas no Setor Público, com financiamento proveniente de recursos internacionais de Bancos Multilaterais de Desenvolvimento, como o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - BIRD, Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID e Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe - CAF.

Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Professor adjunto dos cursos de graduação em geografia (bach. / licenci.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROPGE da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Professora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e responsável pelo setor de Internacionalização do Centro Universitário UNINTA (Sobral-CE). Docente no curso de Engenharia Civil da Faculdade UNINTA Sobral-CE. Realizou estágio Pós-doutoral junto ao

Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (PROP GEO/UVA).

Isabela Gomes Parente

Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Membro do Laboratório de Estudos Ambientais e Climáticos (LEAC - UVA). Foi bolsista BPI - FUNCAP com a pesquisa Caracterização Termohigrométrica e Conforto Térmico Humano em espaços abertos de lazer: uma análise sazonal microclimática em praças públicas de Sobral-CE (2020-2022).

Jailson Lopes Albuquerque

Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2022). Atualmente encontra-se vinculado ao grupo de estudo Crítica à Economia Política do Espaço ligado ao Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA.

Jander Barbosa Monteiro

Doutor e Pós-Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Possui Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor adjunto dos cursos de graduação em geografia (bach. / licenc.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROP GEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. É bolsista de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e Inovação Tecnológica, da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP.

Joffre Fontenelle Filho

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é Professor de Geografia da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará.

Kemmison Luiz Paula de Sousa

Graduado em Engenharia Civil e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atuando principalmente nos seguintes temas: terraplanagem e pavimentações, Sistemas de Esgotamento Sanitário (SES), Sistemas de Abastecimento de Água (SAA), Sistemas de Drenagem, resíduos sólidos, serviços de Segurança do Trabalho, Análises Ambientais e recuperação de áreas degradadas e Energias Renováveis.

Luciana de Andrade Catunda

Licenciada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2016), desenvolve trabalhos na área de Geografia Humana com foco em Geografia Urbana. No período de 2019 a 2023, exerceu o cargo de Assistente Técnica na Secretaria do Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Sobral - CE. Atualmente, compõe o quadro docente da Faculdade Via Sapiens - FVS.

Luz Maritza Mantilla Chanagá

Possui graduação em Direito da Universidad de Santander (UDES-Colômbia). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA; Diplomada em Direitos Humanos (DDHH) da *Fundación Universitaria de San Gil* (UNISANGIL-Colômbia). Trabalhos em unidades rurais deslocadas pela violência na Colômbia, temas específicos: Migração forçada interna do campo para a cidade, Direitos Humanos, Direitos Fundamentais das vítimas, Avaliação do direito a educação, moradia digna, educação, saúde e trabalho. Facilitadora em Escolas de Campo para Agricultores (ECAs). Integrante do Núcleo de Estudos sobre Acesso e Permanência na Educação (UENF/IFFluminense) . Tradutora de textos ao espanhol no mesmo grupo.

Maria Antônia Xavier Soares

Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Membro do Laboratório de Estudos Ambientais e Climáticos (LEAC). Bolsista BPI - FUNCAP, com a pesquisa O uso de transectos móveis na avaliação do conforto térmico humano: uma análise a partir da implementação de corredores verdes em Sobral-CE (2023-2024).

Maria da Penha dos Santos Costa

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROP GEO da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: penhavaz19@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-3050-2573>.

Maria do Carmo Alves

Mestre e Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP (2017). Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Editora da Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS).

Marília Gouveia Ferreira Lima

Mestre em Engenharia de Transportes - Departamento de Engenharia de Transportes Centro de Tecnologia - Universidade Federal do Ceará UFC-CE. Pós-graduada em Gestão Ambiental Urbana pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Luciano Feijão. Foi Secretária do Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente (Seuma) da Prefeitura de Sobral, no período de 2017 a 2024.

Nilson Almino de Freitas

Professor da área de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Coordenador do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME. Professor do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - Profsocio. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PROP GEO, da Universidade Estadual do Ceará UECE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0324-3131>. E-mail: nilsonalmino@hotmail.com

Samuel Antônio Miranda de Sousa

Possui graduação (2007), Mestrado (2010) e Doutorado (2021) em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é Coordenador dos Cursos de Gestão Ambiental e Gestão da Qualidade EAD Wyden. É professor dos cursos de engenharia e gestão, presencial e EAD no Unifanor. Tem experiência na área de Geociências, com

ênfase em Planejamento e Gestão Ambiental e Planejamento Urbano e Regional.

Sara Heline Rodrigues de Brito Silva

Licenciada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Professora efetiva da Rede Pública Estadual do Ceará - SEDUC-CEARÁ. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7357-9562>
E-mail: saraheline@hotmail.com

Thaysslorranny Batista Reinaldo

Pós-doutoranda pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA com bolsa da FUNCAP Edital 09/2023 de apoio ao Pós-Doutorado. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Atuou como professora temporária no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA de 2021-2023 e na Universidade Federal do Tocantins - UFT de 2017-2019.

Úrsula Priscyla Santana Nóbrega

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2016), com intercâmbio na Kansas State University (2014). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2022). Atualmente é docente do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Luciano Feijão. Foi Superintendente da Agência Municipal do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Sobral. Atua em planejamento territorial, design urbano e arquitetônico, design gráfico, fotografia e artes plásticas. É membro ativo do grupo artístico “Estrelas do Norte”, responsável pela Bienal Norte de Artes Plásticas, e participou da revisão do Plano Diretor de Sobral (2022-2030). Supervisionou a manutenção dos Jardins Biofiltrantes do Riacho Pajeú e coordenou o desenvolvimento do Plano de Rotas Urbanas de Sobral, premiado pelo IAB Ceará e IAB Brasil.

Wellington Galvão Alves

Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2022). Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2018). Atualmente atua como Gerente de

Geoprocessamento na Prefeitura Municipal de Sobral. Tem experiência na área técnica de Planejamento Urbano e Geoprocessamento.

Yvo Gabriel Sousa Galvão

Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário INTA - UNINTA, pós-graduando em Gestão Ambiental Pública, com formação técnica prévia em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE (Campus Crateús) e membro constituinte do Grupo de Estudos URBCOLAB, atuando como Gerente de Licenciamento para Construção na Secretaria do Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente (Seuma) da Prefeitura de Sobral.

Editora
**SER
TÃO
CULT**

Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato 15 x 22 cm
em offset 75 g/m², com 372 páginas e em e-book formato pdf.
Abril de 2025.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Historicamente a cidade de Sobral tem assumido um papel relevante no contexto espacial do sertão nordestino e, particularmente no Estado do Ceará, graças à produção do algodão e à pecuária, que outorgava a Sobral a condição de centro regional na parte setentrional do estado.

Nos dias atuais, anos 20 do século XXI, a cidade de Sobral é colocada em evidência, não mais pela exuberância das atividades tradicionais, mas pela presença marcante na cidade de atividades modernas, relacionadas ao comércio e serviços, o que certamente se coloca como fatores de forte influência na promoção das interações espaciais que Sobral mantém. No contexto dessas interações, é importante sublinhar o papel desempenhado pelos serviços de educação e de saúde, os quais ampliam, consideravelmente, as relações de Sobral, não apenas com a sua região de influência, mas com todo o estado de Ceará e com estados do Piauí e do Rio Grande do Norte.

Diante dessa realidade, podemos afirmar que Sobral continua com seu protagonismo regional, decorrente de um conjunto de dinâmicas resultantes das relações que se estabelecem entre a sociedade e a natureza, as quais analisadas e interpretadas pelos autores dos diversos artigos que compõem o livro **SOBRAL: ENTRELACANDO OLHARES, EXPERIÊNCIAS e SABERES**.



Financiamento



Apoio



ISBN 978-655421216-8



9

786554

212168

Editora **SERTÃO: CULT**